

ANÁLISE DO DISCURSO POLÍTICO BRASILEIRO SOB A PERSPECTIVA DAS RELAÇÕES PÚBLICAS

Bianca de Freitas Neves¹
Eleonora Ferreira Jorge²
Giulia Perrota Brega Costa³
Lucas Jorge Garcia⁴

RESUMO: A fim de compreender por meio de técnicas estudadas durante o curso de Relações Públicas a influência de tais estratégias no discurso político, o seguinte artigo possui como objetivo examinar, por meio de procedimentos de Análise de Discurso desenvolvidas por Michel Pêcheux, o discurso “Exposição do presidente da república às Forças Armadas”, proferido em 17 de junho de 1958 pelo então presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek.

Palavras-Chave: Análise de Discurso. Relações Públicas. Política. Juscelino Kubitschek.

RESUMEN: A fin de comprender por medio de técnicas estudiadas durante el curso de Relaciones públicas la influencia de tales estrategias en el discurso político, el siguiente artículo tiene como objetivo examinar, por medio de procedimientos de Análisis de Discurso desarrollados por Michel Pêcheux, el discurso " presidente de la república a las Fuerzas Armadas, proferido el 17 de junio de 1958 por el entonces presidente de Brasil, Juscelino Kubitschek.

Palabras-Clave: Análisis de Discurso. Relaciones públicas. La política. Juscelino Kubitschek.

Introdução

Qual imagem um candidato político ou mesmo um parlamentar eleito pretende passar de si para seu público? Esse é um dos principais desafios para o profissional de relações públicas, pois é a partir dessa questão que os discursos deverão ser elaborados. Nenhum discurso é igual, cada um pode variar de acordo com os interesses e objetivos de quem o utiliza como ferramenta.

Com a realização desta pesquisa é pretendido identificar, descrever e analisar o discurso político do ex Presidente Juscelino Kubitschek sob a perspectiva das Relações Públicas, com o objetivo geral de analisar as diversas estratégias discursivas utilizadas por ele, na tentativa de conquistar o seu público de interesse no discurso, como objetivo específico, é pretendido examinar o discurso formulado por um presidencial.

Portanto, justificada pela necessidade constante de debater as formas de manipulação utilizadas por

¹ Graduanda em Relações Públicas pela UNESP-Bauru. E-mail: biancadedefreitasneves@gmail.com

² Graduanda em Relações Públicas pela UNESP-Bauru. E-mail: eleehferreira13@gmail.com

³ Graduanda em Relações Públicas pela UNESP-Bauru. E-mail: giulia_perrotta@hotmail.com

⁴ Doutorando em Design, Mestre em Mídia e Tecnologia, Especialista em Cinema e Linguagem Audiovisual, Bacharel em Publicidade e Propaganda - (professor orientador UNESP-Bauru). E-mail: lginfinito@gmail.com

relações-públicas ao redor do globo e pelo cenário político atual que se mostra cada vez mais instável remontando a sermões arcaicos, o discurso “Exposição do presidente da república às Forças Armadas” proferido pelo então presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek será analisado no decorrer deste artigo.

Tal análise se desenvolverá por meio de uma breve pesquisa bibliográfica, justificada, aqui, por seu caráter investigativo de levantamentos de referências teóricas na busca por compilar conhecimentos sobre técnicas de discurso de políticos brasileiros. Entretanto esta pesquisa é fundamentada, majoritariamente, a partir de métodos de análise de discurso, que, de acordo com Orlandi (1983), é um dos métodos mais utilizados para analisar discursos, sejam eles orais ou não, sem querer esgotar um discurso, mas, procurando nele os prováveis sentidos que assume ou pode assumir, sem deixar de considerar o sujeito, sua história, a ideologia e o contexto social no qual este sujeito está inserido.

2. A ANÁLISE DE DISCURSO

A Análise de Discurso, também chamada de AD, surgiu ao final da década de 1960, na França. Elaborada por Michel Pêcheux, esta ciência tem como principal objetivo analisar o discurso, entendido como efeito de sentido entre locutores.

A Análise do Discurso não se trata apenas de transmissão de informação, nem há essa linearidade na disposição dos elementos da comunicação, como se a mensagem resultasse de um processo assim serializado: alguém fala, refere alguma coisa, baseando-se em um código e o receptor capta a mensagem, decodificando-a. Na realidade, a língua não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa sequência em que primeiro um fala e depois o outro decodifica, etc. Eles estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação e não estão separados de forma estanque (ORLANDI, 2001, p. 21).

Devido a esse processo de significação simultânea entre interlocutores, o discurso acaba por se tornar um processo de efeito de sentido entre os envolvidos, sentidos esses que “não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções dos sujeitos” (ORLANDI, 2001, p.30).

Na AD, entende-se como condições de produção toda manifestação, seja ela verbal ou não verbal, como uma construção social que atravessa a visão de mundo atrelada ao seu locutor, assim como na sociedade em que este se encontra inserido considerando o contexto sócio-histórico-ideológico do momento de fala. A partir disso, o discurso se torna o resultado, se transforma na consequência do efeito de sentido entre os locutores.

As condições de produção dão conta não somente do contexto sócio-histórico em que um discurso pode estar inserido, mas também da memória discursiva e do interdiscurso, que se encontram relacionados entre si.

A memória discursiva lida com o já-dito. Segundo Orlandi (2006), ela trabalha com formulações já

feitas e esquecidas que regulam nossas formulações atuais e formam o eixo de constituição do nosso dizer,. A autora cita a palavra “família” como exemplo: este termo extremamente comum existe há milhares de anos e já fora citado em infinitas formações discursivas de acordo com seu contexto sócio-histórico. Portanto, este pode assumir diferentes significados de acordo com as condições de produção em que está inserido. Esse conjunto de significações é o que é chamado de memória da palavra ou discurso, pois todo texto de acordo com seu peso ideológico deixa marcas, todo texto possui sua materialidade histórica.

O interdiscurso, por sua vez, se relaciona com a memória discursiva devido a sua capacidade de se relacionar com outros discursos, e é tecido pelo deslocamento do já-dito, pois nenhum discurso possui a capacidade de ser fechado em si mesmo, tudo o que falamos é atravessado a todo momento por outras fontes enunciativas que já foram mencionadas um dia. O que é dito em meio a uma dada interação social situa-se dentro de uma rede interdiscursiva, tocando em milhares de fios dialógicos nutridos de crenças, valores e sentidos.

A partir da conceituação de alguns poucos termos da AD, já torna-se notável a importância da ideologia como meio de formação de sentidos dentro de um discurso. A partir disso, a Análise de Discurso propõe sua interpretação do termo a partir da releitura que o filósofo Althusser faz de Marx.

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão (...) evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados. (PÉCHEUX, 1997, p. 160)

Com isso, entende-se como ideologia a interpretação inconsciente e involuntária de todos os sinais que rodeiam a sociedade e que são definidos por ela, equivocadamente, como algo claro, explícito. A partir desse apagamento de interpretação e da influência do interdiscurso enquanto memória discursiva, o não-dito surge, pois, segundo Orlandi, os “sentidos não estão nas palavras elas mesmas. Estão aquém e além delas.” (2001, p. 42). Ou seja, sentidos como resultado de processos de significação não se dão apenas da troca de palavras entre locutores, podem também ser formados em meio ao implícito, ao subentendido.

Sob a perspectiva discursiva, um sujeito também pode ser influenciado pela ideologia. Interpelado por ela, este deixa de assumir sua posição imanente, pois o sujeito da linguagem não é o sujeito em si, e sim tal como existe socialmente.

De acordo com Orlandi (2001), o sujeito só tem acesso a partes do que diz, sendo atravessado pela história e linguagem, sob o modo do imaginário, para que possa produzir sentido.

Seguindo este raciocínio, a autora então apresenta a ideia de “posição” que um sujeito discursivo deve possuir em relação a outros. Quando nos colocamos em um determinada posição e situação, forma-se um sentido relativo à formação discursiva a que nos submetemos. Podemos então dizer que um mesmo indivíduo pode

ocupar diferentes posições sujeitos em diferentes formações discursivas. Por exemplo, quando uma mulher questiona seu filho sobre o horário de chegada em casa, o sentido do enunciado é construído a partir da posição de mãe assumida. Desse modo, “podemos até dizer que não é a mãe falando, é a sua posição. Ela aí está sendo dita. E isso significa. Isso lhe dá a identidade. Identidade relativa a outras: por exemplo, na posição de professora, de atriz etc.” (ORLANDI, 2001, p. 49)

E, por fim, a Análise de Discurso também define esquecimento como dividido em dois. Segundo Michel Pêcheux (1975), em sua obra intitulada por “Semântica e Discurso”, temos:

a) Esquecimento 1 – É o esquecimento ideológico. Resultado do modo pelo qual a ideologia nos afeta, é por ele que o sujeito “possui a ilusão de ser a origem do que diz.” (ORLANDI, 2001, p. 21)

b) Esquecimento 2 – É da ordem da enunciação, em que o sujeito não percebe que podem existir outros sentidos, interpretações, que não sejam iguais às dele.

A partir do conteúdo explicitado e pensando em seu funcionamento, pode-se compreender melhor as técnicas utilizadas por Juscelino Kubitschek para se dirigir, em seu discurso, às Forças Armadas, tema do capítulo 5 deste artigo.

3. AS FORMAS DE DISCURSO

Um discurso pode se organizar em diversas formas de acordo com o contexto em que se encontra inserido, podendo este se caracterizar por exemplo como científico, místico, religioso, político e podendo ser subdividido ainda mais, cada um contendo características próprias de funcionamento. Para que se possa analisar o discurso político brasileiro, tema deste artigo, duas categorias discursivas foram escolhidas pelo fato de serem particularmente importantes para se levar em consideração: o discurso da mídia e o discurso político propriamente dito.

3.1 DISCURSO DA MÍDIA

Nas últimas décadas, a mídia alcançou um espaço imensurável ao redor do globo e se tornou, com isso, uma das principais fontes de informação, seja esta relacionada a acontecimentos diários, seja relacionada a temas de relevância internacional.

Suas principais características são a busca pela verdade e a objetividade. Entende-se como busca pela verdade a investigação. Já em relação a objetividade, esta não é reivindicada por meio do apagamento do sujeito, mas sim por meio da presença de sujeitos com posições opostas. Por exemplo, na TV há uma forma de investigação no programa “Fantástico”, transmitido pela Rede Globo, e há outra no programa “Linha Direta”, transmitido pela Rede Record. Ou seja, há sempre a investigação, a busca pela verdade, porém esta pode se

confrontar entre um programa e outro, de acordo com a ideologia de cada emissora de televisão.

Hoje, poucos discursos escapam do poderoso filtro da mídia. Devido ao seu caráter investigativo, ela se tornou não apenas um veículo de informação, mas uma forma de influência para a opinião pública.

Para Pagnussatti (2009), todos os tipos de meios de discurso transmitidos via mídia proporcionam inúmeras leituras, de maneira individual, pois nesses discursos são atribuídos sentidos, valores, informação, entretenimento e formação de opiniões. De acordo com a autora, utilizando-se de diferentes estruturas tecnológicas, os discursos tanto de linguagem falada, escrita, ou visual podem ter diversas características, algumas delas, de serem dinâmicos, imprecisos, apelativos, criativos e ou polissêmicos, buscando alcançar objetivos diversos: instigar, persuadir, interagir, cativar, entreter ou informar.

Em relação a eventos políticos, a mesma situação ocorre. Segundo Noelle-Neumann (apud WOLF, 2003), essa relação entre discurso midiático e política torna-se um “processo pelo qual o indivíduo modifica a sua própria representação da realidade”, a partir do que é apresentado pelos e nos meios de comunicação. Ou seja, devido a grande posição de destaque que o discurso midiático ocupa no mundo, ele traz para o cenário político atual um meio a ser utilizado para a propagação de diversas informações, sejam elas sensacionalistas ou não, sejam elas verídicas ou não.

3.2 DISCURSO POLÍTICO

O discurso político é argumentativo, persuasivo, que busca prezar o bem comum, fundamentado em pontos de vista e opiniões do enunciador ou do meio emissor, e composto de informações de valores sociais. Quase sempre, é feito como uma fala coletiva que busca expressar o interesses da comunidade e construir uma perspectiva de futuro. Vivemos em um mundo no qual este discurso constantemente se altera e ajusta a novas circunstâncias, nos períodos de eleição, esses ajustes se fazem mais presentes, permitindo sempre uma resposta que alterna entre o desejo individual e a vontade e satisfação popular.

O discurso político tem por finalidade a persuasão do outro, quer para que a sua opinião se imponha, quer para que os outros o admirem, afirma Hannah Arendt em *The Human Condition*, e para isso, a argumentação deve envolver raciocínio, e da expressividade da oratória, procurando persuasão, recorrendo a afetos e sentimentos.

A existência do discurso político é tão antigo quanto a vida do ser humano em sociedade. Vindo lá da Grécia antiga, onde político era o cidadão que era, assim como os outros, responsável pelos assunto e interesses públicos, decidia tudo em diálogo na “*agora*” (praça onde eram realizadas as assembleias dos cidadãos), com o uso de persuasão. E é então que surge o discurso político que se vale da retórica e oratória para convencer o povo.

Ele é um espaço de para cidadão ser visto e ouvido, que procura firmar suas ideias e valores, recorrendo à força da persuasão, através de recursos como certas metáforas, imagens e jogos linguísticos.

4. CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

Para a análise dos discursos e tema selecionados é necessário não apenas ler e compreendê-los, mas também, analisar o contexto em que estão inseridos. “impossível analisar um discurso [...] como sequência linguística fechada sobre si mesma, [...] é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção” (PÊCHEUX, 1997 [1969], p.79).

O governo de Juscelino Kubitschek estava inserido em um contexto da Guerra Fria, todos os seus argumentos para política interna e externa se preocupavam e envolviam a Guerra Fria. O discurso mais aprofundado neste trabalho originou-se de uma tentativa de reaproximação com os Estados Unidos e grande influência na América Latina, associando sempre a ideia de que o desenvolvimento era atrelado a segurança e reforçando as ideias do perigo do comunismo.

5. O DISCURSO DE JUSCELINO KUBITSCHKEK

Em Junho de 1958, Juscelino Kubitschek proferiu seu discurso direcionado às Forças Armadas intitulado “Exposição do presidente da república às Forças Armadas”.

Ao iniciar sua alocução, o presidente diz: “[...] parece oportuno dar-vos conhecimento pleno da obra continental que estamos encetando, no sentido de fazer confluírem as energias da América para uma revitalização do panamericanismo, em face das exigências da presente conjuntura mundial.” (KUBITSCHKEK, 1958). Nesse trecho, JK produz efeitos de sentidos que procuram persuadir as Forças Armadas sobre a possibilidade de não se limitar aos objetivos próprios de defesa do país, mas sim de aprimorar tais metas, confirmando a ampliação do conceito de segurança.

Juscelino Kubitschek (1958), como sujeito do discurso, afirma que “A unidade de ação política, em conjugação com o mais cuidadoso preparo da defesa militar, constituem fatores imprescindíveis, mas não bastam para eliminar o perigo.” Ao gerar estes sentidos, contesta a teoria de que este é um tema restrito apenas a esfera política e impõe seu ponto de que o desenvolvimento é um problema relacionado à segurança e , portanto, é racional que todos prezem por ele e lutem por sua instalação.

Assim, traduzindo as necessidades da situação universal, o presidente faz uso de um discurso polissêmico, no qual debate sobre problemas internos como também sobre problemas externos. O sujeito, JK, por ocupar o mais alto grau da hierarquia, promove grande relação de poder, ou seja, legitima sua fala a partir de sua autoridade e assim promove efeitos de sentidos cada vez mais convincentes, manipulando àqueles que o ouvem a concordar com suas ideologias e apoiar suas opiniões.

As Forças Armadas, nas próprias palavras de JK, são como a cola que mantém a unidade nacional e o seu

esforço:

[...] dirige-se, também, aos estudos dos nossos grandes problemas e à valorização do homem brasileiro, mercê de uma ação formadora e educativa que se difunde proveitosamente por todo o nosso território. [...] No desenvolvimento dos temas ligados à Operação Pan-Americana, como em todos os assuntos que interessem à segurança nacional, dispondo da valiosa contribuição das Forças Armadas, através de seus órgãos especializados. (KUBITSCHKE, 1958).

Este é um dos lados do discurso um tanto quanto polissêmico do presidente. Já outro diz respeito à necessidade de JK de manter uma política de boa vizinhança, de manter boas relações com os Estados Unidos da América, um dos objetivos da OPA.

O Presidente, através do não-dito, deixa explícito neste momento que cabe também às Forças Armadas a tarefa de colaborar para essas boas relações, uma vez que, para despertar a confiança de possíveis investidores e financiadores, era indispensável que a ordem pública e política fosse mantida. Porém, as boas relações com o país acabaram estremecidas por conta de:

[...] certos fatos recentes, que vieram pôr à mostra um elo vulnerável na cadeia ocidental e patentearam a necessidade de que algo se faça para reforçar a nossa capacidade de resistência. Tais fatos tiveram lugar em nosso próprio continente. Constituíram a eclosão de um latente estado de coisas. Foram sintomas, signos aparentes de uma situação larvada. Ninguém ignora as manifestações agressivas de que foi alvo um estadista do nosso hemisfério em visita a países sul-americanos amigos. Ninguém ignora que esses incidentes foram provocados e canalizados por uma minoria interessada em fomentar discórdias na família continental. (KUBITSCHKE, 1958).

Para a AD, pode-se considerar que o discurso de Juscelino em relação ao perigo comunista foi um efeito de sentido produzido pelo imaginário. Porém, o equívoco constitutivo tanto do discurso como do sujeito acabaram se insinuando, fazendo com que gerasse certa desconfiança por parte de quem estava diretamente envolvido.

Assim, as palavras de JK expressam que as providências em relação à Operação Pan-Americana estão sendo tomadas adequadamente, porém seriam mais eficazes caso houvesse o apoio das Forças Armadas, que poderiam auxiliar a preparar melhor o terreno para o alcance do objetivo comum.

No Brasil, os diplomatas, os técnicos e os estudiosos já se dedicam ao grande problema, em todos os seus aspectos, para que possamos, em tempo oportuno, exprimir pontos-de-vista e apresentar sugestões. No desenvolvimento dos temas ligados à Operação Pan-Americana, como em todos os assuntos que interessem à segurança nacional, dispondo da valiosa contribuição das Forças Armadas, através de seus órgãos especializados. (KUBITSCHKE, 1958).

No geral, os efeitos de sentidos contidos no discurso de JK fazem com que o aspecto econômico do Brasil perca o foco para o de segurança, trabalho central das Forças Armadas. “Segurança” é o que passa a dar sentido ao desenvolvimento, indicando que aquilo que está sendo dito reflete “verdadeiramente” a situação.

Ao fim, JK procura demonstrar bem Como a ideologia desenvolvimentista articula o real e o imaginário.

Antecipando-se aos seus interlocutores, dirige o processo de argumentação visando seus efeitos e produz uma ilusão referencial sobre a urgência da superação do subdesenvolvimento não apenas para o Ocidente, mas agora para toda a humanidade.

A Operação Pan-Americana é mais do que palavra oportuna e certa, é um caminho. A tese de que a luta contra o subdesenvolvimento é uma medida estratégica indispensável, de capital importância, tornou-se clara, evidente, inegável. Não há outro caminho a seguir senão a união continental para fortificação desta parte do mundo livre. Não podem as forças da democracia se apresentar ao mundo para propor uma fórmula seja lá qual for, quando no reduto mais importante da resistência democrática se apresentam índices tão impressionantes de subdesenvolvimento. Nossa tese tornou-se indiscutível, mais atual do que nunca, e será temerário não a transformar numa política segura e certa. (KUBITSCHKEK, 1958).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo realizado foi possível compreender a forma estratégica como o ex presidente da república Juscelino Kubitschek formulava seus discursos para persuadir a população e convencer tanto seus apoiadores quanto à oposição de suas ideologias e opiniões.

O discurso às Forças Armadas significou a busca de manutenção do apoio desta instituição que foi cortejada por JK desde o início de sua gestão. Esse buscava sempre usar a linguagem mais adequada e promover declarações para realçar a ordem e o sucesso de seu governo.

REFERÊNCIAS

ORLANDI, Eni Pulcinelli (1983). **A Linguagem e seu funcionamento**. 4ed. Campinas: Pontes.

_____ (2001). **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 3ed. Campinas: Pontes.

_____ (2001). Análise de Discurso. In: ORLANDI, Eni P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Orgs.). **Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade**. Campinas: Pontes Editores, 2006. p. 11-31

PAGNUSSATTI, Vera Beatriz Hoff. **Os Discursos da mídia, suas múltiplas leituras, como propulsora da sexualidade precoce e gravidez na adolescência**. 2009, p.15.

PÊCHEUX, Michel (1969). **Análise automática do discurso (AAD-69)**. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). Por uma análise automática do discurso. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997a. p. 61-161. Campinas: Unicamp, 1990.

_____ (1995). **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da UNICAMP.

WOLF, M. **Teorias da Comunicação**. 8. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2003.